



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

Diretor Geral

Dr. Luan Trindade

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

Diretora Administrativa

Profa. PhD Vanessa Sales

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

Editor de Design Gráfico e Diagramação

Balbino Júnior

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

Características do Periódico

Periodicidade:

Mensal

Idiomas de Publicação:

Português, Inglês e Espanhol

Plataforma Editorial:

Open Journal Systems (OJS)

Registro Internacional:

SSN 3085-654X

Identificação Digital:

DOI registrado e associado à Crossref

Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

publicacao@iiscientific.com

Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande
CEP 88032-005

A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.



Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

Pareceristas

Ciências da Educação

Dr. Carlos Mendonça
Dr. Marcelo Pertussatti
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

Ciência da Saúde

Dr. Daniel Laiber
Dra. Luisa Bonadiman

Ciências Jurídicas

Dr. Avelino Thiago
Dr. James Melo de Sousa
Dr. Manoel Coracy

Educação Inclusiva

Dra. Fábiana Roseana Souza Oliveira da Silva
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

Tecnologia

Dr. Flávio Lopes
Dr. Geraldo Lúcio

Editor Gerente

Rayane Priscila Santos de Souza

Editores de Seção

Karolayne Luana de Oliveira Silva
Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

Equipe de Produção Editorial

Reviane Francy Silva da Silveira
Priscila de Fátima Lima Schio
Lucas Teotônio Vieira

Editor Técnico

Balbino Júnior

Administrador do Sistema OJS

Vitor Santos

JUVENTUDE E ENSINO DO ESPORTE NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

YOUTH AND SPORT TEACHING IN HIGH SCHOOL: PEDAGOGICAL CHALLENGES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

JUVENTUD Y ENSEÑANZA DEL DEPORTE EN LA EDUCACIÓN MEDIA: DESAFÍOS PEDAGÓGICOS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão aprofundada acerca das construções sociais da juventude brasileira e sua relação com o ensino do esporte na Educação Física de Ensino Médio. O estudo compreende o esporte como um fenômeno socialmente construído e historicamente situado, frequentemente atravessado pela lógica da "esportivização", que demanda uma ressignificação pedagógica à luz da formação humana integral. O objetivo é analisar os desafios contemporâneos da prática docente frente às diretrizes da Resolução CNE/CEB nº 4/2010 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores de referência na área da pedagogia crítica e da sociologia da juventude. Conclui-se que o ensino do esporte deve superar a mera reprodução técnica, consolidando-se como um espaço de mediação cultural que promove a autonomia, a criticidade e a inclusão, reafirmando o papel da Educação Física como componente essencial na constituição da identidade e da cidadania juvenil.

Palavras-chave: Juventude; esporte, ensino médio; educação física escolar; BNCC.

ABSTRACT

This article proposes an in-depth reflection on the social constructions of Brazilian youth and their relationship with sport teaching in high school Physical Education. The study understands sport as a socially constructed and historically situated phenomenon, frequently influenced by the logic of sportivization, which requires a pedagogical redefinition in light of integral human development. The objective is to analyze the contemporary challenges of teaching practice in the context of the guidelines established by Resolution CNE/CEB No. 4/2010 and the Brazilian National Common Core Curriculum (BNCC). Methodologically, this is a bibliographic study grounded in reference authors from the fields of critical pedagogy and the sociology of youth. The findings indicate that sport education should move beyond mere technical reproduction, establishing itself as a space for cultural mediation that fosters autonomy, critical thinking, and inclusion, reaffirming the role of Physical Education as an essential curricular component in the construction of youth identity and citizenship.

Keywords: Youth; sport, high school; school physical education; BNCC.

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión profunda sobre las construcciones sociales de la juventud brasileña y su relación con la enseñanza del deporte en la Educación Física de la educación media. El deporte es comprendido como un fenómeno socialmente construido e históricamente situado, frecuentemente atravesado por la lógica de la deportivización, lo que exige una resignificación pedagógica desde la perspectiva de la formación humana integral. El objetivo es analizar los desafíos contemporáneos de la práctica docente frente a las directrices establecidas por la Resolución CNE/CEB nº 4/2010 y la Base Nacional Común Curricular (BNCC). Metodológicamente, se trata de una investigación bibliográfica fundamentada en autores de referencia de la pedagogía crítica y la sociología de la juventud. Se concluye que la enseñanza del deporte debe superar la mera reproducción técnica y consolidarse como un espacio de mediación cultural que promueva la autonomía, la criticidad y la inclusión.

Palabras-clave: Juventud; deporte, educación media; educación física escolar; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga as complexas interações entre a juventude brasileira contemporânea e o ambiente escolar, com foco central nos desafios pedagógicos do Ensino Médio. Esta etapa da educação básica é marcada por uma persistente crise de identidade, oscilando entre a urgência da formação humana integral e as pressões pragmáticas do mercado de trabalho. Nesse cenário, a Educação Física escolar assume papel estratégico, encontrando amparo legal na Resolução CNE/CEB nº 4/2010 (Brasil, 2010).

Este documento estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, reafirmando o compromisso da escola com um percurso formativo que garanta o desenvolvimento pleno dos sujeitos em suas dimensões intelectuais, físicas e sociais. Historicamente, entretanto, o ensino do esporte nas instituições brasileiras consolidou-se sob uma lógica tecnicista e performática. Essa herança, pautada na repetição de gestos técnicos e na exaltação da competitividade excludente, muitas vezes ignora as subjetividades e os contextos socioculturais dos jovens, distanciando-se do que preconiza a legislação vigente sobre a democratização do conhecimento. Tal modelo não apenas limita o potencial educativo da disciplina, como também reforça práticas de exclusão.

Portanto, torna-se urgente repensar o esporte no Ensino Médio como um instrumento pedagógico potente, capaz de fomentar a autonomia e a criticidade, transformando a prática esportiva em um espaço de emancipação e cidadania, conforme os objetivos da formação humana integral defendidos pelas diretrizes nacionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Percursos históricos das juventudes no Brasil e interfaces com a escola e a Educação Física (1950–2020)

2.1 Juventude como construção social: sentidos e efeitos na escola e na Educação Física

Compreender os/as estudantes do Ensino Médio requer abandonar uma visão naturalizada da “juventude” e reconhecer que se trata de uma categoria histórica e socialmente construída, atravessada por disputas simbólicas, políticas e culturais. Em outras palavras, há juventudes, no plural, marcadas por classe, gênero, raça, território e pertencas culturais, e não um padrão único de ser jovem (Abramo, 2007; PAIS, 2003). Na escola, isso significa ler trajetórias juvenis como experiências situadas e mutáveis — e não como fases biológicas com comportamentos universais (Dayrell, 2007).

Ao longo do século XX e início do XXI, os discursos públicos sobre a juventude no Brasil oscilaram e produziram efeitos na escola. Nos anos 1950, prevaleceu um imaginário de “moralização” dos jovens, frequentemente associado a rebeldia e delinquência; nos anos 1960–1970, emergiu a figura do jovem ator político e cultural, ao mesmo tempo em que o autoritarismo escolar reforçava controle e disciplinamento; nos anos 1980–1990, com a redemocratização e a expansão do ensino, multiplicaram-se as culturas juvenis e as tensões sobre a identidade da escola; na virada dos anos 2000, ganharam visibilidade narrativas sobre vulnerabilidade/risco e a tese da “apatia” — muitas vezes contestada por pesquisas que mostram modos diversos de participação juvenil (Abramo, 2007; Sposito, 2009; Pais, 2003). Esses rótulos não são neutros: entram na escola, moldam expectativas docentes e influenciam a organização do currículo e as mediações pedagógicas (Dayrell, 2007).

Para a Educação Física (EF), tais inflexões históricas importam porque afetam o sentido pedagógico atribuído às práticas corporais. Se, em determinados períodos, a área esteve mais vinculada ao higienismo e ao disciplinamento de corpos, em outros foi capturada pela esportivização centrada no rendimento; o debate crítico que se intensifica a partir das décadas de 1980–1990 reposiciona a EF como componente

curricular comprometido com a cultura corporal e com a formação crítica dos/as estudantes (Soares et al., 1992; Bracht, 1999; Kunz, 2006). Desse ponto de vista, reconhecer a pluralidade das juventudes implica planejar didáticas inclusivas, tematizar sentidos sociais do jogo e do esporte, e articular conteúdos às experiências concretas dos/as jovens, evitando estereótipos (por exemplo, a ideia de que “todo jovem gosta de competir” ou que “EF é apenas recreação”).

2.2 Décadas e gerações: marcos histórico e repercussões para a escola e a EF

Anos 1950 – ordem, civismo e higienismo em tempos de urbanização. A década de 1950 foi marcada pelo avanço da urbanização e de uma cultura de massas nascente. Nos discursos escolares, predominou a ideia de juventude como fase a ser moldada pela disciplina e por hábitos saudáveis. Nesse contexto, a EF manteve forte vínculo com matrizes médico-higienistas e militares, enfatizando exercícios de ordem, calistenia e rotinas padronizadas. Tais práticas combinavam a promessa de saúde com a de civismo, ajustando corpos e condutas ao ideal de ordem social (Soares et al., 1992; Vago, 1996). Para o(a) professor(a), isso significava atuar como agente de normatização: organizar filas, controlar tempos, monitorar posturas.

Anos 1960–1970 – contracultura, participação estudantil e autoritarismo escolar.

Os anos 1960 trouxeram a contracultura e novas linguagens juvenis; os 1970, sob o regime autoritário, reforçaram o controle institucional. Na escola, multiplicaram-se práticas de vigilância e avaliações sancionatórias, e a EF foi frequentemente convocada a inculcar disciplina e rendimento, com forte esportivização (seleção de talentos, ênfase em regras e performance). O esporte converteu-se em conteúdo hegemônico, muitas vezes desconectado do repertório cultural dos estudantes (Soares et al., 1992; Bracht, 1999).

Anos 1980 – redemocratização, escola pública em debate e virada crítica da EF.

A redemocratização reabriu o debate sobre qual escola e quais juventudes o país desejava formar. Emergiram movimentos culturais juvenis periféricos (música, dança, rua), que desafiaram hierarquias e modos de presença na escola. Na EF, afirmam-se leituras críticas: desloca-se o foco do rendimento para a compreensão do esporte como fenômeno sociocultural, e da aula como treino para a aula como produção de

conhecimento (Bracht, 1999; Vago, 1996). Didaticamente, ampliam-se conteúdos (jogos, danças, lutas, ginásticas) de modo contextualizado (Soares et al., 1992).

Anos 1990 – expansão do Ensino Médio, LDB/1996 e profissionalidade docente em foco. A década de 1990 assiste à expansão do Ensino Médio e à consolidação da LDB/1996, pressionando a escola por equidade e qualidade. A EF assume com mais clareza a cultura corporal como objeto, rompendo com a monocultura do esporte. A docência é reposicionada como atividade intelectual, que requer planejamento, decisão e reflexão — uma virada que atravessa o currículo e influencia como o(a) professor(a) lê a juventude e organiza a aula (Contreras, 2002; Tardif, 2014). Cresce a crítica ao tecnicismo e a defesa da inclusão e da contextualização (Bracht, 1999; Soares et al., 1992).

Anos 2000 – cultura digital emergente, inclusão e didatização crítica do esporte.

Com a difusão da cultura digital, juventudes conectadas reorganizam tempos, redes e linguagens. Na escola, isso desafia metodologias e avaliações; na EF, intensifica-se a busca por participação e significação do movimento. Ganha força a transformação didático-pedagógica do esporte, que defende o jogo como problema a ser compreendido, e não apenas técnica a ser repetida, articulando prazer, sentido e cooperação (Kunz, 2006; Caparroz; Bracht, 2007). O ECS reaparece como dispositivo-chave de articulação teoria–prática e desenvolvimento reflexivo (Pimenta; Lima, 2012; Pimenta, 2012).

Anos 2010–2020 – juventudes hiperconectadas, desigualdades persistentes e currículos por competências. A década de 2010 intensifica a presença das plataformas digitais, reconfigurando sociabilidades juvenis e a experiência escolar. Ao mesmo tempo, desigualdades persistem, incidindo sobre acesso, permanência e participação. A EF é interpelada a integrar diversidade (corpos, gêneros, culturas, territorialidades) e a documentar aprendizagens de modo coerente com o currículo (Darido; Souza Júnior, 2007; Kirk, 2010). Nesse cenário, o(a) professor(a) aciona didáticas inclusivas, explicita critérios avaliativos e sustenta escolhas em referencial teórico. O ECS torna-se momento privilegiado para ver, testar e refletir: decisões de conteúdo, mediações, tratamento da diferença e modos de atribuir sentido às práticas corporais em contextos específicos (Pimenta; Lima, 2012; Tardif, 2014).

2.3 Síntese: continuidades e deslocamentos

Ao longo de sete décadas, mudam os repertórios culturais das juventudes, os marcos legais e as linguagens; permanece o desafio de reconhecer sujeitos concretos e produzir conhecimento na escola. Para a EF, isso significou deslocar o foco de domínios técnico-disciplinares para a leitura crítica da cultura corporal e para a participação de todos, sustentada por planejamento, avaliação e reflexão. No plano formativo, o ECS aparece como locus estruturante: onde o(a) licenciando(a) analisa contextos, assume decisões e escreve sobre o que aprende e desaprende — articulando história geracional, currículo e identidade docente (Contreras, 2002; Pimenta; Lima, 2012; TARDIF, 2014).

2.4 Juventude e o ensino do esporte no Ensino Médio

O Ensino Médio concentra estudantes em um período de transição marcado por reconfigurações físicas, cognitivas e psicossociais. Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, esse é um momento em que se amplia a capacidade de abstração, de formular hipóteses e de sustentar raciocínios sobre situações não-presentes — condição que, na escola, abre espaço para exercícios de análise crítica, debate e tomada de decisão (PIAGET, 1972). Para a Educação Física (EF), essa janela formativa desloca a aula do plano do fazer automático para o plano do compreender-para-fazer, isto é, para uma abordagem em que os(as) estudantes investigam o que, por que e para que se pratica, relacionando técnicas, valores e contextos.

Nesse horizonte, o esporte — conteúdo historicamente hegemônico na EF — precisa ser ressignificado pedagogicamente. Uma leitura restrita, centrada na reprodução de gestos, regras e resultados, tende a converter a escola em extensão do esporte de rendimento, privilegiando os “mais aptos” e invisibilizando diferentes formas de participação. Essa dinâmica foi criticada por Bracht (2005), ao discutir o processo de “esportivização”: quando a lógica do alto desempenho coloniza a escola, a EF abdica de seu papel educativo para operar como filtro seletivo. O desafio didático, portanto, reside em recontextualizar o esporte como fenômeno social,

histórico e cultural, capaz de suscitar leituras sobre corpo, mídia, consumo, gênero, território e poder — dimensões que efetivamente atravessam as experiências juvenis no cotidiano escolar.

As diretrizes curriculares recentes reforçam esse reposicionamento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) organiza o trabalho com o esporte no interior da unidade temática da cultura corporal, indicando a necessidade de articular experiência prática com conhecimentos conceituais e procedimentais, e de promover participação, cooperação e respeito às diferenças (BRASIL, 2018). Em outras palavras, o ensino não se esgota no “executar” técnicas; requer problematizar sentidos, construir critérios e avaliar processos. Esse alinhamento reduz a distância entre o interesse juvenil pelo esporte e a finalidade educativa da escola, deslocando a pergunta “quem joga melhor?” para “o que se aprende quando jogamos assim, com estas regras e nesta organização?”.

A crítica de Kunz (2006) ao modelo tradicional corrobora essa direção ao defender uma transformação didático-pedagógica do esporte: do ensino centrado no rendimento para propostas que valorizem o sentido do movimento, a compreensão tática e sociocultural do jogo, a expressão e a inclusão. Na mesma trilha, Vago (1996) argumenta que a escola é espaço de produção de cultura; logo, cabe ao(à) professor(a) de EF atuar como mediador(a) cultural, convidando os(as) estudantes a interpretar, recriar e ressignificar práticas corporais, e não apenas a reproduzi-las. Em termos práticos, isso implica adaptar regras, diversificar modalidades e papéis (jogador/a, árbitro/a, narrador/a, analista), experimentar formatos cooperativos, fomentar debates (gênero, ética, saúde, fair play), tematizar a mídia esportiva e construir critérios de avaliação que contemplem dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

Esse movimento demanda, do docente, uma postura de professor-pesquisador: observar sistematicamente, registrar, formular hipóteses didáticas, intervir e replanejar — ciclo formativo que o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) pode catalisar quando articulado a mediações consistentes (PIMENTA; LIMA, 2012). No Ensino Médio, o ECS é terreno fértil para o(a) licenciando(a) testar organizações pedagógicas, negociar regras e combinados com as turmas, enfrentar dilemas de participação e documentar evidências de aprendizagem, deslocando a centralidade do placar para a centralidade dos critérios construídos coletivamente.

3 METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico. Para sustentar a análise teórica, recorreu-se ao exame sistemático de produções científicas consolidadas, incluindo periódicos, livros e documentos norteadores da educação brasileira. Conforme as premissas de Gil (1991), a pesquisa bibliográfica é essencial para desvelar a complexidade de fenômenos sociais, permitindo uma cobertura analítica que ultrapassa a observação direta.

Complementarmente, a perspectiva de Marconi e Lakatos (1992) subsidia este percurso ao enfatizar a importância do diálogo crítico com o conhecimento já acumulado, possibilitando uma problematização consistente do objeto de estudo. A opção por este delineamento metodológico justifica-se pela necessidade de confrontar as raízes históricas da juventude e as configurações do esporte escolar, mapeando as tensões e as possibilidades pedagógicas que emergem desse encontro no Ensino Médio.

4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

4.1 A Ressignificação do Esporte no Ensino Médio: Da Técnica à Crítica Pedagógica

Evidencia-se que o Ensino Médio representa uma janela formativa singular, na qual a ampliação da capacidade de abstração e o raciocínio hipotético-dedutivo dos jovens permitem que a Educação Física transcenda o simples adestramento motor. Os dados apontam que o ensino do esporte deve abandonar o modelo do "fazer automático" para adotar a perspectiva do "compreender-para-fazer", transformando a quadra em um laboratório de investigação social e técnica. A análise crítica destaca que a persistência da "esportivização" — lógica que prioriza o rendimento e a exclusão

dos menos aptos — atua como um filtro seletivo que descaracteriza a função pedagógica da escola.

Em contrapartida, os resultados sugerem uma recontextualização didática baseada nas competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tratando o esporte como um patrimônio da cultura corporal de movimento que deve ser acessível a todos. Para tanto, propõe-se que o docente assuma o papel de mediador cultural, capaz de subverter a lógica da vitória a qualquer custo e implementar estratégias como a adaptação de regras, a diversificação de funções (árbitros, analistas, jogadores) e a problematização de temas transversais como gênero, ética, mídia e consumo. Conclui-se, portanto, que a eficácia pedagógica nesta etapa reside na capacidade de transformar a prática esportiva em um exercício de autonomia e cidadania, onde o aprendizado coletivo e o respeito às diferenças prevaleçam sobre o placar final.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, apropriar-se criticamente do esporte no Ensino Médio significa transpor a lógica da vitória a qualquer custo para um campo em que se valorizam o coletivo, o lúdico, a ética e o respeito às diferenças. Trata-se de alinhar o potencial mobilizador do esporte às finalidades educativas da escola: formar sujeitos críticos, autônomos e solidários, capazes de ler, agir e transformar sua realidade por meio da cultura corporal.

A análise empreendida evidencia que o ensino do esporte no Ensino Médio não pode mais ser pautado por modelos tecnicistas que excluem a pluralidade das juventudes. A transição para uma prática pedagógica emancipatória exige que o esporte seja tratado como "Cultura Corporal de Movimento", integrando as dimensões biológicas, sociais e políticas do gesto humano. Ao alinhar a prática docente às Diretrizes Curriculares Nacionais e à BNCC, a Educação Física deixa de ser um apêndice do rendimento esportivo para se tornar um campo legítimo de produção de conhecimento. Conclui-se que o sucesso pedagógico nesse estágio da educação básica depende da capacidade do professor em atuar como mediador cultural, desconstruindo preconceitos e fomentando a autonomia. Somente através de um

ensino crítico, que problematize as relações de poder e consumo no esporte, será possível oferecer aos jovens uma formação que vá além da quadra, contribuindo para a construção de sujeitos aptos a ler e transformar a realidade social. A escola, portanto, reafirma sua função não como treinadora de atletas, mas como formadora de cidadãos integrais.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2007.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: MEC, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical à afirmação crítica.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.



